

Momento atual da medicina



Nilzo Ribeiro ¹

Convidado pelo editor-chefe da nossa Revista Científica do Hospital Santa Izabel a escrever o Editorial de Atualização, transcrevo o pronunciamento feito na Solenidade de Abertura do Congresso Brasileiro de Cardiologia, quando presidi a nossa Sociedade. Tal nos parece adequado na atualidade.

“A nossa Sociedade tem se caracterizado ao longo dos anos pela qualidade de seus trabalhos, haja vista o nível da cardiologia praticada em nosso país. Esta qualidade tem se calcado na seriedade de trabalho de nós todos. No entanto, creio que no momento é importante que se faça algumas colocações, de modo a preservar esta qualidade.

A primeira colocação é sobre a interação entre profissionais da área médica e a indústria. Aqui, dois dados devem ser enfatizados, para que se tenha ideia da importância do problema.

Primeiro é a grandeza de ordem econômica envolvida. Nos Estados Unidos são gastos anualmente cerca de 400 bilhões de dólares com a assistência à saúde, sendo a indústria paramédica o 2º parque industrial vencido apenas pela indústria de armas. Por aqui, os senhores podem ter noção da magnitude dos desafios. A relação médico-indústria é algo desejável. No entanto, devemos ter em mente que não devemos permitir ao propagandista de laboratório exercer o papel de médico e nós, médicos, assumirmos o papel de propagandistas.

Devemos ter noção de que é da indústria que tem vindo uma grande parte do progresso da medicina. De 1940 para cá, quando a indústria farmacêutica formou bases científicas, 85% das novas drogas lançadas no mercado foram trabalhadas nas empresas privadas, sobrando apenas 15% para os medicamentos desenvolvidos em órgãos governamentais, a despeito de todo o investimento feito pelo estado. Penso, portanto, que a despeito das pressões econômicas porventura existentes, devemos manter com a indús-

tria paramédica um relacionamento sério e produtivo em escala institucional, de tal modo que favorecimentos pessoais deixem de existir.

Uma segunda colocação que penso deve ser feita, se desejamos manter a qualidade. É quanto à universidade. Convidado há três anos passados a dela participar, confesso a minha preocupação. Preocupação que aumenta mais ainda quando leio nos jornais a possibilidade de funcionamento das universidades no período noturno. É como se em um coração doente aumentássemos a sua demanda sem aumentar a oferta. A universidade está como que invadida de uma democratização – misto de democracia e cretinice – extremamente perigosa. Falou-me um professor universitário que para a escolha da chefia de um departamento da Universidade Federal da Bahia iria ser feita uma eleição entre médicos, enfermagem e outros funcionários. Isso tem o cheiro de algo inconcebível. Os critérios de escolha das lideranças médicas têm que ser baseados na competência e probidade, reais e comprovadas e não aprovadas em urnas eleitorais.

As diretrizes não podem ser ditadas “de baixo para cima”, expressão idiossincrásica tão em moda no Brasil de agora. Não advogamos as medidas “de cima para baixo” de outrora. Advogamos, isto sim, medidas de equilíbrio dos homens de bom senso, estejam eles onde estiverem – em baixo, em cima ou no meio.

Desejamos, sim, homens de equilíbrio que nos mostrem o caminho – esta é a função precípua dos dirigentes. Assim tem sido desde o começo da humanidade.

Não desejamos os equilibristas que a despeito da tensão da corda sempre nela permanecem divertindo-se e divertindo a plateia.

A universidade é o celeiro onde um país busca as suas soluções e como tal deve ser encarada com seriedade. O populismo descabido não pode ter nela lugar, caso contrário corremos o risco de formar construtores que não sabem construir, advogados



que não advogam, médicos que não sabem medicar. A universidade tem que ser o berço da competência. Uma competência que construiu o ontem, faz o hoje, construirá o amanhã.

A qualidade da nossa cardiologia cairá ao primitivismo com a desqualificação da universidade. Como consequência teremos a cada ano jogados no mercado de trabalho profissionais que, não qualificados, farão uma competição não saudável.

Peço desculpas por lhes trazer as minhas angústias e em meu nome e de toda a Diretoria lhes dar as boas-vindas.”

Esta manifestação é de outubro de 1984, em Porto Alegre. Melhoramos? Recordo as palavras do meu mestre Adib Jatene – “Não fique nervoso porque vai piorar”.

A sociedade que hoje não se recorda do ontem não tem amanhã.

1- Serviço de Cirurgia Cardíaca do HSI
Endereço para correspondência:
nilzoribeiro@terra.com.br